

Andrew D. H. Mayes, «De l'idéologie deutéronomiste à la théologie de l'Ancien Testament» (pp. 477-508).

Dois índices (lugares bíblicos e autores) e uma breve apresentação dos colaboradores encerram o volume, que prestará enorme serviço a quantos pretenderem inteirar-se a situação actual da História Deuteronomista, estudantes e leitores interessados nestas matérias. Os organizadores optaram pela versão em francês dos textos escritos, e certamente lidos nas sessões do seminário, noutras línguas. Com isso, não só deram maior uniformidade à Obra como facilitaram o acesso a quem não ler inglês (o que será raro) ou alemão.

José Nunes Carreira

OTHNIEL MARGALITH, *The sea peoples in the Bible*, Harrassowitz Verlag, Wiesbaden, 1994, 254 pp.

Este livro foi inicialmente redigido e publicado em hebraico, em 1988, e foi em seguida traduzido para inglês pelo próprio autor. Para o tema que nele é tratado esta circunstância tem alguma pertinência, uma vez que incide de forma bem profunda na questão da origem étnica dos Hebreus. De facto, a questão dos Povos do Mar na Bíblia aparece aqui não propriamente com os contornos da clássica problemática dos Filisteus e outras entidades ou povos afins, que são um facto de grande visibilidade na documentação e de bastante atenção por parte da historiografia bíblica. A questão dos Povos do Mar é aqui tratada como uma massa quase incontável de dados sobre povos e figuras que têm as suas raízes no mundo egeo-anatólico de conotação grega e que marcam presença destacada ao longo da literatura bíblica.

O que os dados aqui estudados apresentam de comum é o seu carácter antigo: eles reportam-se à época em que os Hebreus se encontraram em Canaã para a sua definitiva etapa de implantação e de constituição como um povo ou como um aglomerado de doze tribos. Esse tempo primitivo e constituinte é contemporâneo da época dos Povos do Mar. E aqui se encontra o denominador comum tanto cronológico como cultural para a variedade de dados que, mesmo de algumas camadas antigas e precoces da Bíblia, apontam para os lados do mundo grego como origem e como identidade.

Os indícios por onde se detectam e elaboram as origens egeias de algumas realidades humanas, lexicais e civilizacionais entroncam-

-se com as numerosas referências bíblicas a populações preexistentes aos Hebreus. Destas, algumas são dadas como tendo sido desalojadas e outras são referidas como tendo permanecido em Canaã, para além da época da instalação dos Hebreus.

Com a nebulosa dos Filisteus aparecem grupos de antigos egeus, que poderão ter sobrevivido à afirmação local dos Hebreus, nomeadamente os Avitas, os Guechuritas, os Cários e os Anaquitas (p. 24-32) e ainda outros povos que acabaram por se fundir com os Filisteus: os filhos de Rapha, os Cários e os Peleteus (p. 44-56). Uma figura sobressai no meio destas hipóteses, a de Cadmo, cujo nome se articula com o gentílico dos Cadmoneus. É conhecida a possibilidade filológica de ligar este nome à palavra oriental Quédem, que significa justamente Oriente. Tradicionalmente, este tem sido quase o *mythikós lógos* que através do tírio Cadmo poderia articular o Oriente com a Grécia, como uma viagem de alfabeto e civilização. O Autor, no entanto, é de opinião que o nome de Cadmo deve ser de origem cretense e significaria alguém "bem armado". Este grupo é, por conseguinte, mais um grupo cuja origem egeia lhe parece bem comprovada.

Esta aproximação das referências literárias que ocorrem na Bíblia a propósito dos Filisteus sublinha particularmente espaços de coincidência entre as divindades orientais Dagon e Baal e o deus mais tradicional entre populações de origem egeia, Apolo, para o qual o Autor descobre algumas referências textuais em passagens hebraicas tradicionalmente difíceis de 1 Sm 5 e 6 e de Dt 28,27, que parecem sugerir doenças ou causas de doenças. Nelas haveria uma referência ao Apolo de Esmíntio, cuja identificação simbólica com um animal semelhante a um rato lhe dava a aparência de ser o propagador dos males que o próprio deus era considerado, ao mesmo tempo, ter também o poder de curar, (p. 32-41). São as dimensões contrapostas do mesmo simbolismo.

Para alguns nomes próprios de filisteus, por detrás dos quais se poderia descortinar a ascendência grega, poderíamos referir o caso bem sugestivo de Aquis, correspondendo ao grego Anquises (p. 41).

Outros povos com possíveis ligações egeias apresentam-se na Bíblia mais separados do conjunto filisteu. Tais seriam os Guirgaseus (p. 57-62), os Heveus, por detrás de cujo nome se poderia descobrir o dos Aqueus (p. 62-75), por pouco que pareça à primeira vista, e os Guibeonitas, os quais seriam um subgrupo dos Heveus, que veio a tomar lugares de destaque na sociedade hebraica e no próprio templo de Jerusalém (p. 75-91).

Um caso de ligação entre populações egeias e hebraicas é o da tribo de Dan. Desde há bastante tempo que esta associação tem vindo a ser feita. Neste livro, o Autor privilegiou duas áreas de questões a analisar e de provas a apresentar. A primeira consiste na comparação entre as estruturas e os temas das lendas de Sansão que fariam dele um herói tribal com muitas analogias temáticas com as aventuras de Hércules (p. 91-114).

Toda a história de Sansão é lida nestes termos comparativos e demonstrando convergências de temas, de ideias e de processos, particularmente impressionantes e que merecem ser estudados no pormenor, tanto por parte dos estudiosos da cultura pré-clássica como da cultura clássica.

A segunda questão é a da história da própria tribo de Dan (p. 115-124), que o Autor considera como um dos grupos dos Povos do Mar, os Dánaos, que, aproveitando as suas capacidades de artesãos das metalurgias, foram sendo requisitados e aproveitados entre os Hebreus, passando, depois de algumas aventuras de definição étnica e territorial, a constituir formalmente uma das tribos dos próprios Hebreus.

Em dados de pormenor, os resultados deste livro seriam extremamente vastos e só com uma leitura passo a passo se poderiam recolher e expor. O essencial das variadas perspectivas que fomos referindo, recapitula-as o Autor no seu sumário final (p. 125-137), acrescentando-lhe dois apêndices interessantes, um sobre Apolo, apesar de se ter já debruçado bastante sobre este deus, no corpo do livro, e outro sobre os Quenitas (de Caim) (pp. 138-147).

As notas constituem quase outro livro (p. 149-231), facultando um excelente convívio entre a investigação publicada em hebraico e aquela que se exprime noutras línguas, convívio científico que é muito pouco comum e que bem se espelha, mais uma vez, na dupla lista final de bibliografia: dada tanto em hebraico como noutras línguas.

Em suma, a unidade de tema faz desta obra um livro, mas a variedade dos pormenores transforma-a quase num dicionário sobre questões literárias, filológicas e históricas relativas a alguns aspectos das origens étnicas dos Hebreus. A meticulosidade com que cada uma destas hipóteses tem necessariamente de ser tratada faz com que os resultados concretos possam ser sempre questionáveis e devam ser discutidos um por um, como o Autor faz. Mas os possíveis pontos de encontro entre os Hebreus e os Povos do Mar são tantos e tão significativos que tem de haver certamente uma realidade histórica que o justifique.

José Augusto M. Ramos